



## APROXIMAÇÕES AO DEBATE SOBRE O SUICÍDIO DE ADOLESCENTES E JOVENS NEGROS NO BRASIL

*Daniel Péricles Arruda<sup>1</sup>*

*Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Baixada Santista,  
Departamento de Saúde, Educação e Sociedade, Santos, SP, Brasil.*

**Resumo:** Dados recentes apresentam questões alarmantes sobre o suicídio de adolescentes e jovens negros no Brasil. Mais do que números, são trajetórias interrompidas pelo fim da própria vida. Portanto, faz-se necessário considerar a importância de discutir a prática do suicídio; certamente, um tema difícil, delicado, complexo, sensível, enigmático e que não se reduz ao ato em si, pois envolve vários outros significados e significantes, principalmente numa sociedade marcada estruturalmente pelas tramas do racismo.

**Palavras-chave:** Adolescência; Juventude; Racismo; Suicídio.

### APPROACHES TO THE DEBATE ABOUT SUICIDE AMONG BLACK ADOLESCENTS AND YOUNG PEOPLE IN BRAZIL

**Abstract:** Recent data reveal alarming numbers about the suicide of black adolescents and young people in Brazil. More than numbers, they are trajectories interrupted by ending their own life. Therefore, it is necessary to consider the importance of discussing suicide. Certainly, this difficult, delicate, complex, sensitive, enigmatic theme cannot be reduced to the act itself, since it involves several other meanings and signifiers, especially in a society structurally plagued by the threads of racism.

**Keywords:** Adolescence; Youth; Racism; Suicide.

### APROXIMACIONES AL DEBATE SOBRE EL SUICIDIO ENTRE ADOLESCENTES Y JÓVENES NEGROS EN BRASIL

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); doutor em Serviço Social pela PUC-SP e mestre em Serviço Social (bolsista do *Ford Foundation International Fellowships Program*, turma de 2010) pela PUC-SP. Tem especialização Multiprofissional em Saúde Mental e Psiquiatria pela Escola de Educação Permanente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (EEP HCFMUSP). É graduado em Serviço Social pela PUC-Minas. Em formação em Psicanálise no Instituto Langage. Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), *campus* Baixada Santista, vinculado ao curso de graduação em Serviço Social, ao Departamento de Saúde, Educação e Sociedade (DSES) e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Vivências Artísticas, Culturais e Periféricas. É arte-educa(a)dor, *rapper* e poeta conhecido como Vulgo Elemento. *E-mail:* [pericles.daniel@unifesp.br](mailto:pericles.daniel@unifesp.br) – *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-8347-8215> – @vulgoelemento.



**Resumen:** Datos recientes revelan cifras alarmantes sobre el suicidio de adolescentes y jóvenes negros en Brasil. Más que números, son trayectorias interrumpidas por el final de la propia vida. Por lo tanto, se hace necesario considerar la importancia de discutir la práctica del suicidio; indudablemente, un tema difícil, delicado, complejo, sensible, enigmático y que no se puede reducir al acto en sí mismo, ya que involucra varios otros significados y significantes, principalmente en una sociedad marcada estructuralmente por las tramas del racismo.

**Palabras-clave:** Adolescencia; Juventud; Racismo; Suicidio.

### AUTOUR DU DÉBAT SUR LE SUICIDE DES ADOLESCENTS ET DES JEUNES NOIRS AU BRÉSIL

**Résumé:** Des données récentes révèlent des chiffres alarmants sur le suicide des adolescents et des jeunes noirs au Brésil, chiffres en perpétuelle croissance chaque année, qui en plus d'être supérieurs au suicide pratiqué par les adolescents noirs et jeunes en général. Plus que des chiffres, ce sont des trajectoires de vie interrompues. Par conséquent, il est nécessaire de considérer l'importance de discuter de la pratique du suicide; thème difficile, délicat, complexe, sensible, énigmatique s'il en est, et qui ne se réduit pas uniquement à l'acte lui-même, puisqu'il implique plusieurs autres sens et signifiants, principalement dans une société marquée structurellement par le racisme.

**Most-clés:** Adolescence; Jeunesse; Racisme; Suicide.

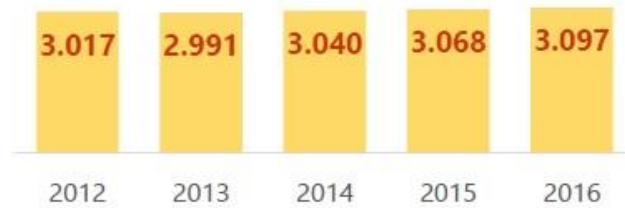
### INTRODUÇÃO

De acordo com a World Health Organization, WHO / Organização Mundial da Saúde, OMS (2021), todos os anos morrem, em média, 703 mil pessoas por suicídio; uma das principais causas de óbitos também de jovens com idades entre 15 e 29 anos. E esses números seriam bem mais expressivos se as tentativas fossem todas efetivadas. Os dados informam que, em 2019, o suicídio foi a quarta causa de mortes de jovens com a mesma faixa etária, após acidente de trânsito, tuberculose e violência interpessoal.

No Brasil, entre os anos de 2012 e 2016, considerando todos os adolescentes e jovens que puseram fim à própria vida, o número chegou a 15.213 (Gráfico 1), segundo o documento intitulado *Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016* (BRASIL, 2018). Nesse mesmo período, a média de suicídios entre a população em geral foi de 11 mil, enquanto a de adolescentes e jovens chegou a 3.043 casos (BRASIL, 2018); isso considerando que os números apresentam baixa queda, em 2013, e aumento, nos anos seguintes.



**Gráfico 1** – Total de óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens no Brasil



*Fonte:* Análise do Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social (DAGEP/SGEP/MS) a partir de dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM/DATASUS/MS). (BRASIL, 2018, p. 5).

Na comparação entre brancos e negros, os dados demonstram que, em 2012, para cada 100 suicídios de adolescentes e jovens brancos, aconteceram 134 envolvendo adolescentes e jovens negros. Já em 2016, para cada 100 suicídios entre adolescentes e jovens brancos, ocorreram 145 suicídios de negros (BRASIL, 2018). Isto é, uma diferença de 45%.

Com base nesses dados, portanto, faz-se necessário considerar a importância de discutir a prática do suicídio; certamente, um tema difícil, delicado, complexo, sensível, enigmático e que não se reduz ao ato em si, pois envolve vários outros significados e significantes como: sujeito, vida, morte, sociedade, cultura. Há um enredo próprio para cada sujeito, as construções em torno do suicídio implicam singularidades e aspectos inconscientes, sociais, culturais, por exemplo. O suicídio possui várias leituras distintas a partir do campo que o analisa e dentro do próprio campo não há consenso, dele se ocupam a filosofia, a saúde mental, a política, a justiça, a religião, a psicanálise e a cultura com seus valores morais. Cabe dizer também que esse debate não está distante de estigmas e tabus, aspectos que criam obstáculos à construção detalhada de caminhos para lidar com a questão (RIBEIRO; MOREIRA, 2018), podendo invisibilizar de várias maneiras as discussões sobre o suicídio.

## O SUICÍDIO

Para subsidiar esse debate, é importante considerar as abordagens teóricas e seus conceitos sobre o tema, por exemplo, no livro *Sobre o suicídio*, de Marx ([1846] 2006) – título original *Peuchet: vom Selbstmord*<sup>2</sup> – há exemplos de como algumas mulheres que

<sup>2</sup> “Em 1846, no seu exílio em Bruxelas, Marx publica o artigo ‘Peuchet: sobre o suicídio’, composto em sua maior parte de uma seleção e tradução de trechos das *Memórias* de Jacques Peuchet. Diferentemente



praticaram suicídio eram acometidas pela opressão e pelo sofrimento na relação com a *tiranía familiar*, o que nos ajuda a analisar os impactos das injustiças sociais da sociedade burguesa, inclusive, o autor considera que: “[...] está *na natureza de nossa sociedade* gerar muitos suicídios” (MARX [1846] 2006, p. 25, itálicos do original).

Durkheim ([1897] 2000, p. 14), em sua obra *O suicídio: estudo de sociologia*, afirma: “*Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado*. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte.” (Itálicos do original). Durkheim apresenta alguns tipos de suicídio, como o suicídio egoísta: que está relacionado com o nível de integração social da pessoa, o coletivo perde o sentido. O suicídio altruísta: relacionado a uma causa de amor, de honra, energia passional. O suicídio anômico: quando as atividades da vida estão desregradas, queixas contra a vida, impactos de crises sociais e econômicas. E o suicídio fatalista, que decorre do excesso de regulamentação da sociedade, de contextos extremamente normativos.

Artaud [s.d.] em uma análise lúcida da vida e morte de Van Gogh procura mostrar o peso que a cultura impõe àqueles que não se alinham e não compartilham dos valores estabelecidos, e que só podem encontrar um lugar para ser sendo apartado pela própria cultura que não o suporta em suas tramas. O suicídio é visto por ele como um ato cometido por um outro que exige e impõe que ele seja excluído da cultura, para que o sujeito somente possa ser estando fora dela.

Van Gogh não morreu por causa de uma definida condição delirante, mas por ter chegado a ser corporalmente o campo de batalha de um problema, em torno do qual se debate, desde as origens, o espírito inócuo desta humanidade, e do domínio da carne sobre o espírito, ou do corpo sobre a carne, ou do espírito sobre um e outro. E onde está neste delírio o lugar do eu humano? Van Gogh procurou o seu [*lugar*] durante toda sua vida, com energia e determinação excepcionais. E não se suicidou em um ataque de loucura, pela angústia de não chegar a encontrá-lo; ao contrário, acabava de encontrá-lo, e de descobrir o que era e quem era ele mesmo, quando a consciência geral da sociedade, para castigá-lo por ter rompido as amarras, o suicidou (ARTAUD, [s.d.], p. 15).

Já Freud aborda a temática do suicídio em vários textos e suas ideias apresentam modificações no decorrer de suas produções, o que envolve a análise dos conceitos de

---

da grande maioria dos textos que formam a obra marxiana, marcada pela crítica ferina a adversários dos mais variados matizes, o presente artigo é o resultado de uma surpreendente afinidade teórica entre estes dois autores.” (ENDERLE, orelha do livro, in: MARX [1946] 2006, itálicos do original).



narcisismo, fantasia, superego, relações entre o Eu e os seus objetos. Em seu texto *Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio* (1910), considera: “Quero dizer que nisso podemos partir apenas do estado da melancolia, conhecido clinicamente, e da comparação entre ele o afeto do luto”. (FREUD [1910], 2013 p. 390). Desse modo, para Roudinesco e Plon (1998, p. 505), melancolia é um:

Termo derivado do grego melas (negro) e kholé (bile), utilizado em filosofia, literatura, medicina, psiquiatria e psicanálise para designar, desde a Antiguidade, uma forma de loucura caracterizada pelo humor sombrio, isto é, por uma tristeza profunda, um estado depressivo capaz de conduzir ao suicídio, e por manifestações de medo e desânimo que adquirem ou não o aspecto de um delírio.

Já no texto *Luto e melancolia* (1917 [1915]), Freud afirma que:

Há muito sabíamos, é verdade, que um neurótico não abriga ideias de suicídio que não venham de um impulso homicida em relação a outros, voltado contra si; mas era incompreensível o jogo de forças em que tal intenção consegue se tornar ato. Agora a análise da melancolia nos ensina que o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo (ver “Os instintos e seus destinos”). Assim, na regressão da escolha de objeto narcísica o objeto foi eliminado, é verdade, mas demonstrou ser mais poderoso que o próprio Eu. Nas duas situações opostas do total enamoramento e do suicídio, o Eu é subjugado pelo objeto, embora por caminhos inteiramente diversos (FREUD, 1917 [1915], 2010, p. 136).

Lacan aborda essa questão no *Seminário, livro 15 – O ato psicanalítico* (1967/1968). E também no texto *Televisão* ([1974] 2003). Para Lacan, “O suicídio é o único ato capaz de ter êxito sem qualquer falha” (LACAN, [1974] 2003, p. 541). O suicídio, portanto, é um ato que vai além do corte. É muito mais do que fazer um furo no real, o suicídio rasga o real, pois determina um rompimento definitivo, irreversível, depois dele, não há mais nada a fazer. Porém, para quem fica, o sujeito que morreu pode se tornar um signo.

Há também no Brasil estudos interessantes sobre o tema, por exemplo: os trabalhos de Maria Luiza Dias (1989), *Suicídio: testemunhos de adeus*, que fala sobre as mensagens deixadas pelas pessoas que suicidaram; Larissa dos Santos (2011), *Entre o fracasso e o êxito: heterogeneidade e divisão em discursos de suicidas*, que pesquisou as mensagens de pessoas suicidas a partir da análise do discurso em Michel Pêcheux, e da enunciação com base em Lacan e Jacqueline Authier-Revuz; Karina Okajima Fukumitsu



(2014), *O psicoterapeuta diante do comportamento suicida*, que aborda as estratégias para lidar tanto com a pessoa em situação de crise suicida quanto na posvenção; Karina Okajima Fukumitsu *et al.* (2015), *Suicídio: uma análise da produção científica brasileira de 2004 a 2013*, investigaram as produções científicas brasileiras e evidenciaram que, naquele contexto, o Rio Grande do Sul liderava o número de suicídios no Brasil, logo, foi a região em que produções acadêmicas tivessem maior destaque; Marcos Brunhari (2015), *O ato suicida e sua falha*, mergulha na análise do ato suicida com base em Freud e Lacan; Cassorla (2017), *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*, que apresenta reflexões e explicações sensíveis, didáticas e detalhadas sobre o suicídio e sua relação com o social e a cultura.

É de conhecimento comum que o suicídio ocorre em vários lugares do mundo, em variadas classes sociais e diversas culturas, com múltiplos sujeitos, sendo, portanto, um ato singular, com vários significantes envolvidos.

Segundo informações do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), há sujeitos mais suscetíveis a cometer o suicídio do que outros, como é o caso de homens, adolescentes e jovens negros; pessoas com pouca escolaridade; idosos; adultos; e população indígena. A Organização Pan-Americana da Saúde, OPAS / Organização Mundial da Saúde, OMS (2018), considera também outros sujeitos, como a população LGBTQIA+; pessoas privadas de liberdade; refugiados; e migrantes. Trata-se de indicações abertas e que não devem ser tomadas como certezas e rotulações, pois é difícil e perigoso traçar uma imagem exata, seja de números ou de “perfis”. Quer dizer, mesmo havendo um grupo que mais comete suicídio ou que seja mais vulnerável, é importante considerar que o suicídio é uma ação surpreendente, no sentido de nos mostrar que não há um perfil definido, e que o sujeito pode tomá-lo em algum momento de sua vida, sem antes nunca ter imaginado fazê-lo.

### **SOBRE O SUICÍDIO DE ADOLESCENTES E JOVENS NEGROS**

A partir desse panorama, o foco deste artigo é refletir sobre os aspectos relacionados ao suicídio de adolescentes e jovens negros, sem pretensões de elaborar análises fechadas, nem explicações universais, mas, sim, apresentar pistas e caminhos a partir da seguinte indagação: Por que os adolescentes e jovens negros são os que mais cometem suicídio no Brasil?



São várias as circunstâncias associadas ao suicídio de sujeitos negros, como ausência de sentimento de pertença; sentimento de inferioridade; violências; isolamento; solidão; etc. (BRASIL, 2018). Dentre as múltiplas causas, considera-se também os impactos do racismo individualista, institucional, estrutural e seus desdobramentos, conforme Almeida (2019). Entende-se aqui, que o racismo não somente atravessa a formação do sujeito, bem como o atropela por meio dessa estrutura social racista, que afeta também a sua estrutura psíquica (NOGUEIRA, 1988/2021).

Contribuições importantes podem ser conferidas no artigo *Racismo e saúde: um corpus crescente de evidência internacional*, de Williams e Priest (2015), em que os autores constatarem que o racismo, em suas formas institucional ou cultural, alimenta as desigualdades raciais, bem como produz desigualdades e adversidades em saúde. É importante citar o livro *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*, (KON *et al.*, 2017), produção interdisciplinar e que apresenta elementos significativos para compreender como o racismo no Brasil é voraz e afeta a vida psíquica do sujeito, e também a entrevista da psicanalista Maria Lúcia da Silva, intitulada *Impactos do racismo não são reconhecidos pela psicanálise*. Ao ser indagada sobre a abordagem do racismo na psicanálise na atualidade e como deveria ser tratada, afirmou:

Na instituição Psicanálise não há um reconhecimento de que o racismo produz sofrimento psíquico, portanto, quando alguma pessoa negra num consultório de um psicanalista branco traz o tema do racismo, do seu sofrimento, esse tema não é reconhecido, ele não é tratado como ele merece ser tratado. E aí, muitas vezes o psicanalista vai tratar esse tema de uma forma superficial, vai dizer pro sujeito: "Olha, isso não existe mais, isso é da sua cabeça, isso é sentimento de perseguição." Então é isso que nós vamos vivendo no cotidiano. Eu tenho que levar em conta todos os fatores identitários daquela pessoa que tá na minha clínica. Portanto, se tem um negro em seu consultório, tem que levar em conta a história dele, a história cultural, o grupo que ele faz parte, então é quase que retomar os estudos que dão origem à própria formação, que é a história do sujeito, a singularidade daquele sujeito (SILVA, 2017, p. 1, grifos do original).

Considera-se ainda o artigo intitulado *Sobre a procura de um/a psicanalista negro/a: psicanálise e relações étnico-raciais*, de ARRUDA (2021b), que discute alguns elementos sobre o racismo e a clínica psicanalítica e reflexões históricas e atuais acerca dessa temática.

Portanto, é a partir dessas considerações que as manifestações do racismo e sua relação com o suicídio serão analisadas e apresentadas a seguir.

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BRASIL, 2009, p. 2) traz, em suas especificações, o “reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-



raciais e do racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde, com vistas à promoção da equidade em saúde”. É importante atentar que, dentre as múltiplas circunstâncias que envolvem o suicídio, o racismo pode agir direta e indiretamente nas relações étnico-raciais do sujeito, principalmente, desde os seus primeiros anos de vida, ou ainda, durante a gestação, por exemplo, como na rejeição manifestada pelos pais, familiares, dentre outros.

É importante considerar o racismo que ocorre ainda na primeira infância, conforme estudos de Silva (1995). A escola é um dos lugares em que a criança negra, quase sempre, pode vivenciar a substituição de seu nome pelo apelido pejorativo; ser tratada de modo indiferente na comparação com a criança branca; ser insultada no momento de algum desentendimento; e não ser valorizada pelo outro como modo de fortalecimento e reconhecimento de sua negritude. “Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (SOUZA, 1983, p. 77).

Cavalleiro (2000, p. 10), em pesquisa realizada a partir de sua experiência na educação infantil, afirma que:

A relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu-me identificar que, nesta faixa de idade, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem. Em contrapartida, crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo caráter negativo à cor da pele.

São muitos os casos de adolescentes e jovens negros que apresentam vivências de racismo durante a sua constituição, e que não foram elaboradas e ressignificadas ao longo da vida. Logo, podem se tornar sujeitos inseguros, com sentimento de incapacidade; uma vez que não conseguem mobilizar forças para lidar com os outros racismos aos quais são submetidos na adolescência ou juventude. Considerando, claro, que não se trata de uma generalização; porém, é preciso esmiuçar as tramas que envolvem os racismos, pois “a violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e deixa perplexos” (SOUZA, 1983, p. 16).

Historicamente, muitos africanos e afrodescendentes, postos em processos de escravização, viam no suicídio um modo de por fim a tal condição, não somente, considera-se também o contexto e as condições da vivência durante a escravização e o recurso humano para encontrar outros modos de sobreviver em situações violentas.





(OLIVEIRA; ODA, 2008). Eram suicidados pela cultura escravocrata que não lhes reconhecia o lugar que eles possuíam.

Considerando também o banzo que segundo Moura (2004, p. 63), é um “estado de depressão psicológica que se apossava do africano logo após seu desembarque no Brasil. Geralmente os que caíam nessa situação de nostalgia profunda terminavam morrendo”. Não unicamente por essa razão, mas o suicídio era uma das práticas extremas de protesto do escravizado (MOURA, 2004), seja pelo enforcamento e até mesmo engolindo a própria língua, ou seja, “forma de suicídio praticada por escravos em protesto contra a escravidão ou por desespero individual” (MOURA, 2004, p. 146). Essa passagem faz lembrar Durkheim ([1897] 2000, p. 11) ao dizer que, “a pessoa tanto se mata recusando-se a comer como destruindo-se a ferro e fogo.” O suicídio do escravizado pode ser visto também como uma denúncia do quão era insuportável viver de tal modo. Além disso, é importante destacar que alguns casos de homicídios foram classificados como suicídio para que o ato não tenha um outro como autor, ou seja, eximindo o responsável pela prática de homicídio.

Aqui, cabe um destaque importante: o grupo considerado como mais vulnerável ao suicídio – como adolescentes e jovens negros –, em nossa concepção, não significa, diretamente, que seja composto de sujeitos frágeis ou incapazes, e muito menos corajosos, mas que vivenciam situações de conflito, sofrimento, desespero, ou são tomados por valores articulados a outros aspectos subjetivos (ARRUDA, 2021a), que podem produzir pactos suicidas, por exemplo.

Há adolescentes e jovens que sofrem racismo e constroem discursos sobre essa vivência que os levam para a militância, a arte, os estudos, criando a partir da violência uma forma de lutar contra ela. Outros podem simbolizar o “fim do problema” tirando a própria vida. Alguns, ainda, podem até se tornar *palestrantes motivacionais*, ou, ao contrário, perder totalmente a motivação para viver.

## CONSIDERAÇÕES

O racismo tem força suficiente para alcançar a humanidade do sujeito e transformá-lo no que ele não é; fazê-lo acreditar em valores impostos, que permanecem até mesmo sem a influência direta do racista ou da prática racista, pois já afetou a sua concepção de humanidade e o faz se enxergar e sentir com menos valor, ou nenhum.



Nessa trama, “o sujeito racista reconhece em si mesmo a humanidade não daquilo que o torna igual aos outros, mas naquilo que o distingue deles” (MBEMBE, 2018, p. 76).

O racismo estrutural por ser constitutivo e constituinte da sociedade brasileira, produz desigualdades que, em muitas vezes, não são vistas, compreendidas e aceitas facilmente. Às vezes, adolescentes e jovens negros não sabem ou não identificam devidamente que o que sofrem ou sentem refere-se ao racismo estrutural. E, até mesmo, nem sempre são acolhidos por uma escuta que reconheça os seus sofrimentos.

O que se percebe é que o suicídio envolve uma articulação de fatores difíceis e até impossíveis de serem quantificados. No caso brasileiro, no que diz respeito aos homicídios, a maior parte também é de adolescentes e jovens negros. Ou seja, vivemos numa sociedade em que esses sujeitos são os que mais morrem seja por suicídio ou homicídio. Sendo possível constatar a manutenção de um movimento histórico e cíclico voltado para o apagamento desses sujeitos por meio da morte física, subjetiva e simbólica.

Considera-se, portanto, o valor do conhecimento plural para lidar com o suicídio, isso para que não seja tomado unicamente como de responsabilidade de uma determinada área. Em especial sobre adolescentes e jovens negros se mantêm o desafio constante de se pensar a partir do sujeito e/ou de seus rastros, os possíveis fatores, bem como a condição do *sujeito do suicídio*, pois o suicídio fala de muitas ordens, e nem sempre temos condições de apreendê-las. O suicídio produz silenciamento, gritos, luto, nos apresenta um enigma. E o modo como ocorre requer interpretação, como os que se jogam do alto de prédios e pontes, enforcamento, disparo de arma de fogo, envenenamento, enfim... O suicídio fomenta a busca por respostas: “Mas porque a pessoa fez isso?”. Há ainda aqueles que de alguma forma indicam a possibilidade do ato comunicando a sua intenção ou apresentando *sinais*. E mesmo quando o sujeito deixa algum registro – como carta, bilhete, gravação de áudio ou vídeo – para quem fica e era próxima à pessoa, na maioria das vezes, num primeiro momento, prevalece a não aceitação e a incompreensão do ato.

Assim é importante tornar visível e acessível as discussões e as especificidades sobre o suicídio, assim como elaborar dispositivos para que os suicídios não sejam ignorados. Que adolescentes e jovens negros tenham acesso a espaços de cuidado, para que possam ter a possibilidade de escutar o que os convoca ao ato, e com isso poder quiçá fazer diferente criando outras possibilidades com os significantes que lhes habitam.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; *Pólen*, 2019.

ARRUDA, Daniel Péricles. Dimensões subjetivas do racismo estrutural. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], V.13, n. 35, p. 493-520, fev. 2021a. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/915>. Acesso em: 14 maio 2021.

ARRUDA, Daniel Péricles. Sobre a procura de um/a psicanalista negro/a: psicanálise e relações étnico-raciais. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 13, n. 37, p. 246-260, ago. 2021b. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1160>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ARTAUD, Antonin. Van Gogh: o suicidado pela sociedade. 2. ed. Rio de Janeiro: *Achiamé*, [s.d.].

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 992, de 13 de maio de 2009. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. 2009. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992\\_13\\_05\\_2009.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html). Acesso em: 3 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade, Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRUNHARI, Marcos Vinícius. O ato suicida e sua falha. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução. São Paulo: *Blucher*, 2017.

CAVALLEIRO, Elaine dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: *Contexto*, 2000.

DIAS, Maria Luiza. Suicídio: testemunhos de adeus. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

DURKHEIM, Émile. O suicídio: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, [1897] 2000.

FREUD, Sigmund. Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio (1910). In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). Obras completas volume 9. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2013.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas volume 12. São Paulo: *Companhia das letras*, 2010.

FUKUMITSU, Karina Okajima. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. *Psicologia USP*, volume 25, número 3, p. 270-275, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140001>. Acesso em: 15 mar. 2021.



FUKUMITSU, Karina Okajima; PROVEDEL, Attilio; KOVÁCS, Maria Júlia; LOUREIRO, Ana Catarina Tavares. Suicídio: uma análise da produção científica brasileira de 2004 a 2013. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, Bahia, v. 2, n. 1, p. 5-14, 2015.

KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da. (Orgs.). O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: *Perspectiva*, 2017.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 15 – O ato psicanalítico. 1967/1968. (Inédito).

LACAN, Jacques. Televisão. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1974] 2003.

MARX, Karl. Sobre o suicídio. São Paulo: *Boitempo*, [1846] 2006.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: n.1, 2018.

MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: *Edusp*. 2004.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. A cor do inconsciente: significações do corpo negro. São Paulo: *Perspectiva*, [1998] 2021.

OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n. 2, p. 371-388, abr.-jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000200008>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS) / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Folha interativa: suicídio. Atualizada em ago. 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839). Acesso em: 2 dez. 2021.

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9): 2821-2834, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.17192018>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: *Zahar*, 1998.

SANTOS, Larissa Costa Kurtz dos. Entre o fracasso e o êxito: heterogeneidade e divisão em discursos de suicidas. 2011. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2011.

SILVA, Consuelo Dores. Negro, qual é o seu nome? 2. ed. Belo Horizonte: *Mazza Edições*, 1995.

SILVA, Maria Lúcia da. Impactos do racismo não são reconhecidos pela psicanálise. Entrevista. Luciana Console, jornalista. *Brasil de Fato*. São Paulo (SP). 31 de julho de 2017.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro, 1983.

WILLIAMS, David Rudyard; PRIEST, Naomi. Racismo e saúde: um corpus crescente de evidência internacional. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 17, n. 40, set/dez, 2015, p.124-174. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017004004>. Acesso em: 25 mai. 2020.



WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) / Organização Mundial da Saúde (OMS). Suicide worldwide in 2019: global health estimates. 2021.

*Recebido em: 29/09/2021*

*Aprovado em: 19/02/2022*